

## VALORES DO JOGO DE XADREZ PARA O ENSINO RELIGIOSO\*

## VALUES OF THE GAME OF CHESS FOR RELIGIOUS EDUCATION

JOSÉ DUARTE DE BARROS FILHO\*\*

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, BRASIL

**Resumo:** O jogo de xadrez, internacionalmente reconhecido na atualidade como ferramenta pedagógica de extraordinário valor tanto em escolas como universidades, é proposto como recurso didático para o Ensino Religioso, mais explicitamente o de concepção confessional católica e cristã, pois possui também um viés de cunho religioso, que pode ser explorado e que vai além dos benefícios tradicionalmente identificados como sendo trazidos pelo jogo (concentração, raciocínio, memória, etc...). Este viés religioso, que de forma lúdica abre espaço para a inserção de valores relativos à transcendência, ainda não foi devidamente valorizado ou formalmente elaborado, o que ressalta a originalidade e ineditismo da presente proposta. Os benefícios que podem advir daí são, em projeção, muito grandes, seja a nível escolar ou paroquial, pois facilitam, através do apelo do jogo mesmo, o diálogo das crianças e jovens com as ideias e valores próprios relativos ao âmbito espiritual. Como consequência, a proposta educativa especificamente religiosa é facilitada, valorizada e melhor entendida, ao colocar a um nível bem acessível de compreensão dos alunos os valores universais e espirituais.

**Palavras-chave:** Jogo de xadrez. Valores pedagógicos. Ensino Religioso.

**Abstract:** The game of chess, nowadays internationally acknowledged as a pedagogical tool of extraordinary value in schools and universities, is proposed as a didactic resource for Religious Education, more explicitly under the Catholic and Christian confessional vision. The reason is that it also has a bias of a religious nature, which can be explored and goes beyond the traditionally identified benefits brought by the game (concentration, reasoning, memory, etc ...). This religious bias, which in an enjoyable way opens to the inclusion of transcendental values, has not been properly valued or formally drawn up. This highlights the originality and novelty of the present proposal. Great benefits are expected from this approach, either at school or parish level, because it facilitates, through the appeal of the game itself, the dialogue of children and teenagers with their own ideas and values concerning the spiritual realm. As a consequence, the specifically religious educational proposal is facilitated, valued and better understood, as the universal and spiritual values are offered in a very affordable level for the students.

**Keywords:** Game of chess. Pedagogical values. Religious Education.

\* Artigo recebido em 22/03/2018 e aprovado para publicação pelo Conselho Editorial em 30/11/2018.

\*\*Pós-Doutor em Zoologia pela UERJ e Doutor em Ciências Biológicas pela USP. Currículo lattes:

<http://lattes.cnpq.br/1512503870613655>. E-mail: [judartef@gmail.com](mailto:judartef@gmail.com).

## 1. INTRODUÇÃO

O milenar jogo de xadrez possui características únicas que, no seu conjunto em relação a qualquer outro jogo, o torna atualmente reconhecido, a nível internacional, pelo seu alto valor pedagógico (DEXTREIT; ENGELS, 1981). Isto se deve ao fato de que há muitas características próprias do jogo que estimulam, por exemplo, o raciocínio lógico, a concentração, a disciplina, o estudo, etc..., que ajudam no desenvolvimento de outras matérias escolares (DEXTREIT; ENGELS, 1981). Porém, muitas das suas características intrínsecas favorecem igualmente tanto analogias como vivências concretas relativas ao Ensino Religioso, notadamente o católico e cristão, sendo esta a abordagem mais explicitamente adotada neste trabalho. A partir de situações do próprio jogo, e também no âmbito do relacionamento com outros jogadores e ambiente de torneio, tais características, corretamente orientadas, levam a um entendimento e abertura mais fáceis dos alunos em relação à noção do Transcendente. Esta idéia é fundamentada na premissa de valores intrínsecos à lógica do xadrez, por exemplo, clareza de objetivo final (fim último e benéfico), responsabilidade e liberdade pessoal de escolhas, aceitação de regras estabelecidas, honestidade de intenção e ação, bem como a noção de sacrifício (entrega de peças – perda do que é material – em função de se obter um objetivo maior, a vitória), e etc.... Estes valores são também inerentes à noção de religiosidade, e tornam-se assim uma ponte para levar, de forma lúdica, o aluno a desenvolver e compreender a importância e a necessidade da religião e do transcendente.

O presente artigo busca propor, assim, a abordagem original da utilização do jogo de xadrez como meio didático para o Ensino Religioso, especialmente o católico. Para isso, é importante evidenciar o já reconhecido valor didático do jogo de xadrez a nível escolar, com base nas suas características inerentes, incluindo o aspecto lúdico, e na vasta experiência nacional e internacional; ressaltar o paralelo natural entre os valores que o jogo de xadrez oferece e os valores especificamente religiosos; e por fim propor a adequação destas relações como recurso concreto para o ensino religioso.

As noções específicas relativas à espiritualidade católica, mencionadas no texto, podem ser conferidas no Catecismo da Igreja Católica (1993).

A concepção de *valores* adotada neste trabalho remete-se ao pensamento de Max Scheler (1948 *apud* VOLKMER, 2006), bem como a implícita noção da sua hierarquia, como

depreendido dos temas aqui abordados. A este respeito, cabe destacar os seguintes pontos, para melhor entendimento das perspectivas do texto (cf. MATHEUS, 2002; MACHADO, 2003 VOLKMER, 2006; GINETTI, 2010):

- Os valores (também os éticos) são objetivos, materiais, possuem uma realidade independente do sujeito que os identifica, e são apreendidos aprioristicamente pela intuição imediata da emoção (portanto, não são simples relações nem meras deduções puramente lógico-rationais);
- Os valores são eternos e invariáveis, e independentes dos bens (de valores), que são apenas seus portadores circunstanciais;
- O valor é o fundamento da ética, que preenche materialmente a intenção formal a partir do sentir;
- Na escala produzida pela hierarquia de valores, os valores éticos devem estar no topo (caracterizando o “bem”, ou seja, o ato intencional que visa à realização de um valor superior) e os valores sensíveis ou materiais devem estar no seu ponto mais baixo.

## **2. O JOGO DE XADREZ COMO RECURSO DIDÁTICO NAS ESCOLAS**

O xadrez, como atualmente conhecido (cf. SAIDY; LESSING, 1974; BECKER, 1978; DEXTREIT; ENGEL, 1981, sobre a origem e modificações de peças e regras), é um jogo de tabuleiro com 64 casas, alternadas em brancas e pretas, para duas pessoas. Cada jogador dispõe de um conjunto de 16 peças, brancas ou pretas – oito peões, duas torres, dois cavalos, dois bispos, uma dama ou rainha e um rei. Cada tipo de peça tem características e movimentação específicas, o que contribui para a grande complexidade do jogo. A partir de um posicionamento padronizado ao início da partida, o jogador das brancas sempre faz o primeiro movimento com uma das suas peças, alternando-se então os lances dos competidores. Não há limite de número de lances e – extremamente importante – não existe o fator sorte, pois o jogo dispensa o uso de dados ou semelhantes. O objetivo é colocar o rei adversário numa posição de ameaça para a qual não há defesa, condição esta conhecida como xeque-mate: a partida termina neste tipo de posição, onde no lance seguinte, independentemente de qualquer movimento do lado ameaçado, o rei seria capturado.

A partir destas características, torna-se necessário que cada jogador desenvolva um “plano de jogo”, uma estratégia para a partida, que vai tendo que ser adaptada de acordo não

só com as próprias ideias, mas também com a inimaginável variedade de opções de resposta do seu competidor (de fato, só como resposta ao primeiro dentre 20 movimentos iniciais possíveis das brancas, existem outras 20 respostas possíveis das pretas, embora não necessariamente todos sejam igualmente bons para um ou para outro, de acordo com a teoria e a prática consagradas do jogo. Já após os quatro primeiros lances, o número de posições possíveis é 318.979.564.000 – BECKER, 1978). Esta vertiginosa gama de possibilidades, que a cada lance se multiplica astronomicamente, exige uma lógica condutora, para que os lances tenham algum sentido diante do objetivo final, e não se tornem simples desperdício de oportunidades de ação. É preciso considerar também que existem três fases possíveis durante uma partida (caso ela se desenvolva por todas elas, sem a derrota de um dos jogadores ou uma situação de empate), cada qual com características próprias: a abertura, quando as peças são posicionadas para e segundo o desenvolvimento de um plano, o meio-jogo, quando este plano procura ser viabilizado, e o final, quando, já com poucas peças no tabuleiro, devido às capturas e/ou trocas de material, é preciso o arremate para forçar a vitória (ou conseguir uma posição de empate, no caso de se estar numa situação inferior).

Isto tudo implica em que os jogadores, se desejam progredir, tanto para diversão como para competição, precisam necessariamente desenvolver qualidades específicas, as quais – por motivo das próprias características do jogo – são também extremamente benéficas para a vida, tanto pessoal quanto socialmente. A listagem destas qualidades é longa, e nem se pretende aqui enumerá-la exaustivamente. Basta citar algumas, talvez as mais conhecidas, como as do trabalho do Prof. Charles Partos (Departamento de Instrução Pública, Cantão de Valais, Suíça; cf. DEXTREIT; ENGEL, 1981), comprovando o desenvolvimento de: atenção e concentração; julgamento; imaginação e antecipação [capacidade de previsão]; memória; vontade de vencer, paciência e autocontrole; espírito de decisão e coragem; lógica matemática, raciocínio analítico e sintético; criatividade; inteligência; organização metódica do estudo e interesse por línguas estrangeiras. (À guisa de ilustração, ver a Tabela 1, para estudos complementares). Cabe mencionar igualmente o fato de que áreas tão diversas como conhecimento, raciocínio, filosofia, arte, aspectos físicos, ética, etc... são favoravelmente contempladas, e que inúmeros e continuados estudos comprovam estes benefícios (cf. CEPEX, 2013).

**Tabela 1:** Quadro comparativo de relações de aprendizados derivados do xadrez para alunos de escolas:

**CARACTERÍSTICAS DO XADREZ E SUAS IMPLICAÇÕES EDUCATIVAS**

<b>Características do xadrez</b>	<b>Implicações nos aspectos educacionais e de formação do caráter</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Fica-se concentrado e imóvel na cadeira</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• O desenvolvimento do autocontrole psicofísico</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Fornecer um número de movimentos num determinado tempo</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Avaliação da estrutura do problema e do tempo disponível</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Movimentar peças após exaustiva análise de lances</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Desenvolvimento da capacidade de pensar com abrangência e profundidade</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Após encontrar um lance, procurar outro melhor</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Tenacidade e empenho no progresso contínuo</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Partindo de uma posição a princípio igual, direcionar para uma conclusão brilhante (combinação)</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Criatividade e imaginação</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>• O resultado indica quem tinha o melhor plano</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Respeito à opinião do interlocutor</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Dentre as várias possibilidades, escolher uma única, sem ajuda externa</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Estímulo à tomada de decisões com autonomia</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Um movimento deve ser consequência lógica do anterior e deve apresentar o seguinte</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Exercício do pensamento lógico, autoconsistência e fluidez de raciocínio</li></ul>

(Fonte: SILVA, W. *Curso de Xadrez Básico*. Disponível em: <<http://www.cex.org.br>>. Acesso em: 11 nov. 2013).

A motivação lúdica do jogo, assim, leva naturalmente ao interesse e esforço para o desenvolvimento destas qualidades, e é por todos estes motivos que o valor pedagógico do xadrez nas escolas é hoje reconhecido internacionalmente: a UNESCO sugeriu e aprovou o ensino do xadrez escolar (em alguns casos, também universitário) para os seus países membros, e hoje ele é adotado na Europa, Estados Unidos e Canadá, Américas Central e do Sul, África, Oriente Médio, e especialmente nos países da antiga União Soviética. No Brasil, o xadrez escolar está presente desde a década de 1980, e a partir de 2003 há um projeto nacional iniciado pelo Ministério da Educação (BATISTA, 2013). O baixo custo para a sua

prática é outro fator que o torna acessível a qualquer indivíduo ou projeto escolar. E em termos pedagógicos, o xadrez permite o ritmo de aprendizado ideal: ao respeitar a individualidade de cada aluno na sua evolução, de acordo com as suas capacidades e potencialidades únicas, oferece um tratamento exclusivo, de valorização do *indivíduo*, que contudo está inserido num contexto de convivência social.

Porém, o xadrez promove ainda comportamentos de alcance muito além daqueles auxiliares de disciplinas curriculares (como a matemática, por exemplo, favorecida pelo desenvolvimento do raciocínio lógico necessário ao jogo), e que se situam num âmbito ético e moral. Desenvolvem-se noções de responsabilidade, respeito mútuo e hierarquia, iniciativa, humildade (na vitória e na derrota), respeito às regras – que, dadas as condições do jogo, não têm como ser burladas ou alteradas. Enfim, promove-se a busca de objetivos justos através de meios lícitos, com inteligência e criatividade, por meio da valorização da individualidade e ao mesmo tempo do potencial alheio (trabalhando a boa convivência social e o respeito ao próximo), isto tudo com base em valores bem estabelecidos, coerentes e estáveis. E este é um dos objetivos da formação plena do cidadão – e não meramente do “aluno” – nas escolas, em vista da formação para uma correta convivência social e para os desafios da complexa vida atual. Não sem motivo, pensadores como Goethe, e Benjamin Franklin (1779; “The Moral of Chess”), entre outros, indicavam o xadrez como importante auxílio na formação do caráter das crianças.

Por fim, o xadrez acena para outros valores universais por não exigir dos jogadores quaisquer condições especiais físicas, sociais, culturais, de sexo, faixa etária, etnia... ao valorizar a capacidade e o empenho individual, permite que os méritos pessoais sejam reconhecidos, e é assim utilizado com sucesso para o resgate de autoestima de pessoas economicamente desfavorecidas, para a recuperação de encarcerados (PERES, 2013), no auxílio à alfabetização (CALIXTO, 2013) e no aprendizado de pessoas com necessidades especiais (de audição; de deficiência mental; com paralisia física; com Síndrome de Down; NEVES, 2013), facilitando a todos uma maior inserção social – é democrático e inclusivo – e permitindo uma extraordinária amplitude de possibilidades pedagógicas. Esta capacidade do jogo para congregar pacificamente pessoas de condições e culturas diferentes, e mesmo antagônicas, está evidenciada pelo lema da FIDE (*Fédération Internationale d'Échecs*): “*Gens Una Sumus*”.

A exigência da prática de valores cívicos, morais e, especialmente, éticos (cf. ABRAHAMS, 1974), inerentes ao jogo de xadrez, é uma ponte natural e essencial para relacionar o ensino de xadrez com valores religiosos. Daí a proposta da utilização do xadrez como ferramenta didática para o Ensino Religioso escolar.

### **3. RELAÇÕES ENTRE VALORES DO JOGO DE XADREZ E NOÇÕES DO TRANSCENDENTE**

Os exemplos citados a seguir naturalmente têm relação com os benefícios didáticos tradicionais do xadrez (e eventualmente de outros jogos), porém serão enfatizados os aspectos referentes aos valores religiosos. Tais valores estão relacionados, aqui, fundamentalmente às noções católicas e cristãs. Também não se pretende apresentar uma esquematização formal, já pronta e acabada, de uma metodologia para o uso do xadrez no Ensino Religioso, mas sim evidenciar a sua potencialidade neste sentido, dentro de uma disposição abrangente de temas. Duas grandes vertentes (entre outras) podem ser sugeridas (e que permitem, por sua vez, variadas subdivisões e categorizações de abordagem, a cargo do professor): A) valores analógicos entre o xadrez e o Transcendente; B) valores vivenciais entre o xadrez e comportamentos orientados por diretrizes religiosas.

#### *A) valores analógicos entre o xadrez e o Transcendente*

Há vários graus possíveis de analogias. Inicialmente, destacam-se três fatores ou aspectos mais fundamentais, que servem de respaldo para todas as demais.

Um primeiro fator, e de máxima importância, é a ausência do elemento “sorte” no jogo de xadrez. A cada movimento, o jogador é o único responsável pela situação das suas peças. É a sua escolha, e só ela, que vai determinar a sua posição em cada momento da partida, e o andamento da mesma, com todas as suas consequências, boas ou más. Ora, também nós, na nossa vida espiritual, somos os únicos responsáveis pelos nossos posicionamentos, e certamente temos que arcar com as consequências, difíceis ou não, destas escolhas. É óbvio que os antagonismos externos fazem parte da vida e influenciam nas nossas escolhas – assim como os movimentos do outro competidor – mas em última análise só nós temos que responder pelos nossos atos. Espiritualmente, o nosso “sim” ou “não” a Deus não pode ser imputado a ninguém mais além de nós mesmos. A consciência deste fato alerta para a responsabilidade que, a cada instante, temos sobre os nossos atos, particularmente do ponto de vista espiritual. O mérito por termos vencido também é só nosso – o mesmo

acontecendo para a derrota, e esta perspectiva ajuda ao educando a entender melhor a ideia de que a salvação ou condenação eterna é justa (diante de muitos questionamentos que procuram outros “responsáveis” pelos atos humanos, com isso querendo desqualificar e mesmo desconsiderar este fato). Neste sentido, fica clara a noção de um Deus justo, que não propriamente condena, mas apenas dá a cada um aquilo que lhe é devido. Ainda mais: como Bom Pastor – “técnico”, “treinador” -, faz de tudo para ensinar, orientar e ajudar a discernir as opções de “jogadas”, mas não é Ele mesmo que joga a partida por nós. E isto porque entra aí o outro fator mais essencial: a liberdade, a absoluta liberdade de escolha do ser humano, a qual nem mesmo Deus violenta.

O tema da liberdade individual relativamente ao paralelo entre xadrez e a vida é tão marcante (cf. PACHMAN, 1974; DEXTREIT; ENGEL, 1981) que entende-se como uma das causas pelo extraordinário desenvolvimento do jogo no mundo soviético, onde veio a se tornar o esporte nacional por excelência, especialmente a partir das décadas de 1960-1970. Sob o regime comunista arbitrário, totalitário e falsamente igualitário, os grandes jogadores são heróis nacionais. No tabuleiro, eles podem exercer plenamente a liberdade de escolha e marcar a sua individualidade. Psicologicamente, o jogo funciona como uma válvula de escape ao regime opressivo. Também do ponto de vista espiritual isto é muito relevante: o comunismo é ateu, perseguindo oficialmente as manifestações de religiosidade, mas as aspirações mais profundas da alma humana não podem deixar de se manifestar de alguma forma.

A liberdade, porém, assim no xadrez como na vida, deve ser corretamente entendida. Existe a necessidade de se seguir regras, o que condiciona um comportamento honesto diante de parâmetros reconhecidos e aceitos universalmente – e com vistas a um fim último determinado, necessário, compreensível e acessível. Sob este aspecto, a Filosofia da Religião tem muito a oferecer como crítica contundente a linhas de pensamento como as propostas por Nietzsche, por exemplo. A liberdade “total”, arbitrária e fundamentalmente egoísta que supostamente permitiria a cada qual determinar unilateralmente regras e valores pessoais, sem qualquer consideração pelo próximo ou por um sentido último, simplesmente é irreal e mentirosa. E a factualidade do xadrez, bem como as evidências das necessidades espirituais humanas (naturalmente, foge ao escopo deste trabalho a argumentação a favor deste ponto), evidenciam tal questão. Efetivamente, não se pode jogar xadrez sem se submeter às suas regras, iguais para todos os jogadores (não a “minha regra”, ou “minha verdade”); da mesma

forma, a vivência espiritual também impõe regras e limites universais, sem as quais não se pode chegar ao fim almejado. Em termos práticos, é proposta ao aluno a noção de que regras não são necessariamente prisões, mas meios sem os quais é impossível construir algo com valor e significado. A partir daí, pode-se trabalhar com os educandos a propriedade das regras, isto é, no Ensino Religioso, apresentar, justificar e embasar os fundamentos da Doutrina Católica (cujo desconhecimento, ou conhecimento precário e/ou distorcido, é hoje um dos grandes motivos para a indiferença e mesmo oposição a Deus e à Igreja).

O terceiro grande fator é o da individualidade. No xadrez, o estilo pessoal de cada jogador também é único e inimitável, o que valoriza a pessoa como única e irrepetível. E de tal forma que, mesmo que apenas em termos competitivos, o conhecimento das características de outro competidor é atualmente fundamental na a preparação e disputa de torneios (cf. LASKER, 1960). Ora, o reconhecimento das características e valores individuais, necessário para um torneio, leva também à noção de respeito ao próximo, pelo que ele é, e não pela sua aparência, condição social, etc... fatores estes totalmente irrelevantes no tabuleiro. E portanto, se este indivíduo e suas características são absolutamente únicas, como pode ser avaliado o seu valor absoluto? Se a raridade – e qualidade – são critérios para a determinação de simples valores materiais (como o do ouro, por exemplo, ou de uma obra de arte como a Mona Lisa), que “preço” pode ser estabelecido para um ser humano – considerando ainda que cópias, mesmo se não absolutamente perfeitas, podem ser obtidas de objetos materiais, mas que cada pessoa humana é absolutamente inimitável?

Ora, o preço por cada um de nós foi o Cristo na Cruz.

Perguntou-se ao então Papa Bento XVI quantas formas há para a salvação das almas; a resposta foi “Tantas quanto é o número de seres humanos” (BENTO XVI, 2011). A resposta, calcada no ensino imutável da Igreja, ressalta que cada ser humano é criado e querido especialmente por Deus, é desejado por Ele de maneira explícita, dentre as infinitas possibilidades do Criador, porque Deus ama a cada um por si mesmo, porque o quis; e mais: Deus Encarnado, no Sacrifício da Cruz, teria padecido o mesmo, ainda que fosse apenas um dos seres humanos a aceitá-LO e ser salvo; toda a Criação e a História da humanidade seria justificada por Deus pela felicidade eterna de um único dos Seus filhos, caso todos os demais O rejeitassem; é a medida do amor infinito de Deus por nós. É este o nosso valor individual.

Enfim, o reconhecimento do valor individual de cada jogador leva à reflexão sobre o valor intrínseco do ser humano, e da origem deste valor, remetendo à dignidade de todo e

cada ser humano como filho de Deus. Sob esta óptica, pode-se trabalhar com os alunos as razões pelas quais propostas como aborto e eutanásia são fundamentalmente inaceitáveis, e desenvolver-se o respeito e o amor à vida humana em toda a sua radicalidade.

Responsabilidade, liberdade e individualidade formam o tripé no qual se apóiam outras aproximações do jogo de xadrez com o Ensino Religioso. A partir desta base, a primeira questão a ser definida, seguindo a lógica do jogo, é a do seu objetivo – o fim último, para o qual convergem todas as ações, e que a elas dão sentido e justificativa.

José Raul Capablanca y Graupera, ou simplesmente Capablanca, incontestavelmente um dos maiores enxadristas de todos os tempos (e não são poucos os que o consideram de fato o maior, cf. PANOV, 1974; HOOPER; BRANDRETH, 1975), destacou-se internacional e definitivamente no Torneio de San Sebastián, Espanha, em 1911, o qual venceu com apenas 23 anos e uma única derrota em 14 partidas, diante de quase todos os jogadores da nata mundial do xadrez da época (PANOV, 1974). O seu talento natural dificilmente será igualado; normalmente não necessitava utilizar muito tempo de reflexão ao jogar, estudava relativamente pouco, e ainda assim foi campeão mundial, ao superar Emanuel Lasker, outro jogador diferenciado na história (cujo manteve o título mundial por espantosos 27 anos seguidos, até Capablanca). Seus muitos outros feitos enxadrísticos extraordinários são por assim dizer lendários, e referências sempre atuais (cf. PANOV, 1974; HOOPER; BRANDRETH, 1975; BECKER, 1978). Ao contrário de grande parte dos maiores enxadristas de sua época e de hoje, não deixou muitos escritos sobre o jogo, como livros ou artigos. Mas os seus livros, simples, curtos, profundos e voltados para os iniciantes (CAPABLANCA, 1971; 1979) trazem uma noção essencial, de certa forma revolucionária para a época, e que ainda surpreende muitos jogadores – especialmente os iniciantes – ainda hoje. Ao invés de enfatizar e analisar exaustivamente o estudo das inúmeras opções de aberturas, como era (e ainda é) comum, Capablanca destaca que o estudo do jogo de xadrez deve ser iniciado exatamente pelos finais de partida.

A genialidade se manifesta de forma simples (“Só o gênio vê o óbvio”, como enunciou – genialmente – Nelson Rodrigues; e acrescente-se com ele, o “óbvio ululante”...). A lógica impecável de Capablanca, talvez ainda o mais perfeito jogador de finais do xadrez, mostra o fundamento para a nossa vida, gritada há mais de dois milênios pela Igreja aos moucos ouvidos humanos: o final da nossa vida terrena, e portanto a vida eterna que vem a seguir, é o que de fato importa e condiciona todas as nossas ações. A vitória - o prêmio

eterno – justifica as dificuldades, sacrifícios, empenho e esforços que devemos enfrentar por fidelidade a um plano que nos leve seguramente até ele, diante de todas as oposições que encontremos. Logo, se não sabemos com clareza aonde temos que chegar, sem dúvida nos perderemos; e não saberemos quais os meios ou como utilizá-los para tanto. Capablanca refinou o estudo dos finais porque, desde a abertura, buscava as situações de partida que levariam a uma condição vantajosa já antevista da última etapa do jogo, e lá chegando era capaz de traduzir as mínimas vantagens posicionais em ganho certo. A condução de todo o plano de jogo estava focada numa das formas consagradas de arremate da partida, e toda a excelência técnica e criatividade estratégica iluminadas pela compreensão do objetivo final e imutável.

Também a Igreja nos propõe com clareza o nosso fim último e imutável, aquilo que é o objetivo e sentido desta vida, e nos oferece os meios e as “técnicas” para conseguí-lo: a Vida Eterna se torna mais acessível por meio dos Sacramentos, oração, Adoração Eucarística, aprofundamento na Palavra de Deus, e as “técnicas” da meditação da Paixão e Morte de Cristo, consagração a Nossa Senhora, jejuns e mortificações, orientação espiritual adequada, etc..., nos são ensinadas e cabalmente exemplificadas pelos grandes mestres – os santos – que, campeões da fé, nos ensinam o caminho para chegar ao fim. A clareza de um objetivo final, o fim último e benéfico, é facilmente transposto da noção do xadrez para a do espiritual, algo natural a ser oferecido aos alunos, e que adicionalmente propõe também naturalmente a questão dos meios.

A outra noção obrigatoriamente associada à clareza do objetivo final, e necessária aos alunos, é que este só será obtido através do empenho, da perseverança, da constância – fidelidade a um plano –, isto é, faz-se imprescindível a disposição estável e permanente tanto em relação ao esforço despendido quanto à ideia a ser seguida para se chegar ao fim desejado. A constante mudança de planos durante uma partida de xadrez, com a sua consequente disposição contraditória das peças, só excepcionalmente não conduzirá à derrota; e a tibieza e a falta de fé igualmente afastarão de Deus. A constância, de fato, está espiritualmente associada à virtude da Fortaleza; e os cristãos foram inicialmente conhecidos como “fiéis” por não abandonarem a Fé mesmo diante das dificuldades e perseguições (cf. FERNÁNDEZ-CARVAJAL, 1991, p.433).

É preciso considerar, contudo, que eventualmente a mudança de planos é benéfica, *se adequada ao objetivo final*. Mudar de plano pode significar a humildade – uma virtude

fundamental – em reconhecer a condução errada das próprias ações, seja por causa de um objetivo mal delineado, seja por uma impropriedade qualquer dos meios. Também a humildade e os redirecionamentos da nossa vida espiritual são necessários, sempre que nela nos confundimos ou desorientamos.

Em menor escala, sempre serão necessárias estratégias diferentes para cada situação no tabuleiro – sempre em função do “plano” maior, o objetivo final –, particularmente nas diferentes etapas da partida: abertura, meio-jogo, final. Cada uma delas tem características próprias que devem ser respeitadas, sob pena de dificuldades irremediáveis. Assim, na abertura, é necessário o desenvolvimento das peças a partir das suas casas iniciais, “colocá-las em jogo”, para que possam desenvolver o seu potencial adequadamente; ataques precipitados, com poucas peças, serão fracassados, exceto por erros inimagináveis do outro competidor. A mesma propriedade – em reconhecer a realidade de uma situação, e agir com discernimento, prudência e humildade de acordo com as circunstâncias (sempre em função e em fidelidade a um objetivo maior), considerando as próprias limitações e potencial, bem como as possíveis reações contrárias – é necessária para o amadurecimento e sucesso da vida humana, cronológica e espiritualmente. Este tipo de discernimento, de cunho prático e filosófico, foi admiravelmente cultivado por Emanuel Lasker, já citado anteriormente. Num livro clássico, LASKER (1960), apresenta não apenas considerações técnicas sobre o xadrez, mas também concepções de grande profundidade para o jogo e para vida, como a noção de que, antes de atacar, é necessário avaliar a própria posição e sanar as suas eventuais deficiências. Também Cristo nos alerta para a prudência necessária ao Seu seguimento: “Ou ainda qual é o rei que, saindo para guerrear com outro, não senta primeiro para calcular se com dez mil homens poderá enfrentar o que marcha com 20 mil contra ele?” (cf. Lc 14,28-33).

A complexidade das posições, as diferentes fases da partida e as inúmeras possibilidades de movimentação exigem portanto do plano de jogo, da estratégia, não apenas uma lógica condutora das ações, mas também uma *coerência* deste agir em função do fim último. Assim, “Nenhum criado pode servir a dois senhores” (Lc 16,13); também “Todo reino dividido dentro de si mesmo ficará arruinado, caindo casa sobre casa” (Lc 11,17). No tabuleiro, a contradição entre o posicionamento das próprias peças e o propósito que com ele se deseja inevitavelmente acarretará a derrota. Da mesma forma, não é possível fazer concessões ao erro, ao pecado, a atitudes que são inerentemente contrárias à fé, uma

dualidade de atitude infelizmente muito comum entre os próprios fiéis atualmente. E de fato estes maus exemplos acabam por afastar muitos da Igreja. Não é coerente, por exemplo, comungar e consumir drogas, ou querer justificar o aborto: “Que o vosso falar seja: sim, se for sim; não, se for não. O que disseres além disso vem do Maligno” (Mt 5,37).

O desdobramento natural desta concepção, por sua vez, é que o fim a ser alcançado só pode sê-lo através de meios lícitos. Assim trabalha-se com o aluno a honestidade e a reta intenção, sob o respeito a regras universais.

As regras do xadrez são reconhecidas internacionalmente e, no caso, não podem ser burladas ou distorcidas, sendo neste sentido imutáveis. Por exemplo, o movimento de específico de cada tipo de peça não pode ser arbitrariamente modificado nem admite qualquer exceção. E não se pode chegar à vitória sem executar os movimentos mandatórios das peças. Daí entende-se a ideia de que há regras imutáveis – como a necessidade absoluta de aceitação e vivência dos Dez Mandamentos, se se pretende ganhar a Vida Eterna; não é de qualquer forma que se pode merecer o Paraíso. Esta verdade se afirma, particularmente hoje, contra a “ditadura do relativismo” denunciada pelos últimos Papas (cf. RATZINGER, 2005).

As peças são os meios materiais e concretos, aos quais se aplicam as ideias, para que se possa efetuar a partida. Têm portanto valor específico e necessário, segundo o seu tipo, e atribui-se um valor material e numérico estimado pela sua capacidade de mobilidade no tabuleiro. Por este critério, em termos absolutos, a dama vale 10, cada torre cinco, cada cavalo e cada bispo três, cada peão um. Contudo, dependendo da situação no tabuleiro, uma peça de menor valor pode ser mais importante que outra numericamente superior. Por exemplo, o cavalo, sendo a única peça que pode saltar sobre qualquer das demais para ocupar uma casa, pode ser mais útil do que uma torre em posições onde esta permanece totalmente bloqueada por outras peças, no sentido das linhas retas pelas quais unicamente pode se deslocar. O possível valor maior do que é menor fica ainda mais significativo no caso do peão, com a mais baixa importância material, mas sendo o único que, conseguindo chegar ao outro lado do tabuleiro, é promovido a uma peça de valor maior: assim também o ser humano, se chega corretamente ao final da sua caminhada nesta vida, recebe como prêmio a participação na natureza divina.

Mais: há inúmeras situações nas quais o chamado “sacrifício de material”, termo consagrado no xadrez e que indica a entrega de peças ao adversário, garante uma posição

vencedora, ou ainda mais, é condição para a vitória, apesar de significar uma desvantagem material. Entende-se assim o valor relativo das coisas materiais, que não são as mais importantes, e a noção de sacrifício, em função de um bem maior – a vitória numa partida, a Vida Eterna como fim último. A noção de que os bens materiais não têm valor absoluto é crítica para o esclarecimento da mentalidade consumista e materialista de hoje, e é magistralmente exemplificada e explicitada no valor do óbulo da viúva frente à oferta dos fariseus (Mc 12,41-44; Lc 21,1-4).

Ao mesmo tempo, existe uma única peça que não pode ser sacrificada – o Rei –, pois é em torno dele que se desenvolve o jogo: portanto, há valores que são inegociáveis, independentemente da situação, uma forte analogia para aquilo que não pode ser jamais sacrificado em termos religiosos, isto é, a alma, cuja vitória espiritual é o cerne da vida humana.

As grandes linhas de analogia entre xadrez e ensino religioso acima expostas podem ser expandidas e detalhadas numa proporção que lembra a das possibilidades de lances no tabuleiro: não há qualquer pretensão de compendiar-las aqui, mas apenas de oferecer uma proposta de temas gerais a serem desdobrados. Como exemplos finais, inseridos já neste arcabouço maior, pode-se citar a questão do trabalho conjunto das peças, cada qual com as suas próprias características e limitações, em busca de um bem comum, lícito e garantidor de realização – a mesma perspectiva da cooperação humana, especialmente a dos fiéis, na sua mútua ajuda para chegar à única e verdadeira realização em Deus; ou a da consideração profunda de que o outro jogador é antes um competidor, não um adversário, no sentido de que também ele busca uma justa vitória, e que assim as dificuldades que nos são opostas pelos outros – e que opomos, por nossas limitações e defeitos, a eles – são necessárias ao nosso crescimento espiritual para alcançarmos a excelência de alma e o prêmio eterno: nem os outros seres humanos nem as contrariedades desta vida são desgraças para nós, mas caminhos de santificação, pois “... eu vos digo: Amai os vossos inimigos (...) deste modo vos mostrareis filhos do vosso Pai que está nos Céus...” (Mt 5,44-45) e “Sabemos que todas as coisas concorrem para o bem dos que amam a Deus...” (Rm 8,28).

#### *B) valores vivenciais entre o xadrez e comportamentos orientados por diretrizes religiosas*

O ambiente enxadrístico é, o mais das vezes, agradável e propiciador de amizades. No âmbito escolar, o antigo estigma de que o xadrez é “destinado somente a gênios que usam óculos de lentes grossas” é rapidamente substituído, no testemunho de uma aluna, pela

constatação das “crianças sorridentes, aprendendo e desenvolvendo seu potencial graças aos projetos de xadrez nas escolas. Torneios cada vez mais recheados de jovens, um interesse cada vez maior por esse mundo mágico que pode nos proporcionar oportunidades únicas. Em suma: pessoas normais, com práticas saudáveis” (JULIÃO, 2013). Esta boa convivência humana, favorecida pelas próprias motivações do jogo, onde há respeito, troca criativa de ideias, concorrência saudável e mutuamente estimulante, amizade e cooperação, responde a um dos ideais de convivência proposto pelos valores religiosos. Evidentemente, problemas de relacionamento e dificuldades, inerentes a qualquer grupo humano, também estão presentes, mas a vastíssima experiência dos meios enxadrísticos, tanto temporal quanto internacionalmente, atesta o caráter agregador potencial do jogo. É o que se constata por exemplo ao se verificar a amplitude de iniciativas da FIDE (2013).

Outro aspecto importante é, a par da valorização individual, o sentido de equipe que se pode desenvolver, com os ideais agregados de auxílio mútuo em torno de um objetivo comum, outra grande aspiração em termos de vivência espiritual. Nas disputas por equipes, por exemplo num torneio entre vários clubes de xadrez, a cada rodada enfrentam-se simultaneamente representantes – três, quatro “tabuleiros” – de dois clubes, e portanto o resultado de cada partida individualmente é importante para o resultado geral. A cooperação mútua torna-se então essencial, bem como a noção da responsabilidade individual diante das necessidades comuns, que leva a empenho em desdobrar-se para fazer o melhor, não apenas numa perspectiva de vantagem particular, mas para os outros. É uma abordagem da doação de si para o bem do próximo, numa medida ótima: sem diminuição da valorização do indivíduo, coloca-o frente a um contexto de convivência e colaboração social, estimulando a ajuda mútua e o desejo do bem alheio.

O respeito aos outros competidores, de forma muito prática – e não meramente conceitual, o que seria uma distorção deste valor – também se concretiza ao se reunirem os jogadores. Implica na manutenção de uma postura não só desportiva, mas de reconhecimento, boa educação e valorização do outro. Por exemplo, é praxe a atitude elegante de, diante de uma posição irremediavelmente perdida, abandonar-se a partida, num gesto implícito de acato à superioridade alheia (humildade), sem exigir-se desnecessariamente o esforço do outro para um arremate óbvio, inevitável e sobejamente conhecido. Isto seria, lamentavelmente, uma forma de escárnio, como o colocar em dúvida a capacidade de um reconhecido cirurgião de fazer uma sutura primária, ou a de um grande matemático de fazer

uma conta simples de adição. Por outro lado, cabe ao vencedor a dignidade de valorizar as qualidades do oponente, sem desmerecê-lo, e neste espírito a prática comum é a da análise conjunta da partida encerrada (com qualquer resultado), motivo usual de grande interesse mútuo, sendo algo prazeroso e edificante para ambos e para outros jogadores e interessados, que normalmente também podem participar. É um momento de troca de ideias e comentários, de fato uma ocasião particularmente agradável e de honesto companheirismo no ambiente de torneio ou de simples divertimento esportivo. Mais uma vez, a tônica própria do jogo apresenta uma faceta agregadora, facilitando o valor maior da proximidade e troca mútuas.

Em sala de aula, algumas práticas com os alunos de xadrez desenvolvem igualmente comportamentos concretos de cooperação mútua para o bem comum, como a boa ordenação e zelo pelo material didático (tabuleiro e peças, cf. SILVA, 2013). Por exemplo, se uma única peça se perde, todo o conjunto de jogo fica inutilizado, com prejuízo geral. Assim cada um é responsável pelo que é necessário ao bem de todos. O mesmo acontece no interesse e agir dos fiéis pelo bem do próximo (ainda que exija tempo e esforço dedicados a algo comunitário e não particular), especialmente no plano espiritual.

O desdobramento deste conceito, e *práxis*, inclui tanto a prática da caridade quanto a preocupação com o apostolado: expressão vivencial e indispensável de levar ao próximo o que temos de melhor, Deus.

#### **4. PROPOSTA PARA O USO DO JOGO DE XADREZ COMO RECURSO DIDÁTICO AO ENSINO RELIGIOSO**

As presentes considerações não pretendem uma normatização ou sugestão metodológica específica para a implementação do xadrez como ferramenta do Ensino Religioso – subentendendo-se que mais diretamente para a realidade brasileira, embora a ideia em si seja de alcance mais abrangente. Isto está além do escopo deste artigo. Quer-se apenas salientar que, embora obviamente exigindo adaptações entre as propostas tanto do Ensino Religioso (cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL REGIONAL SUL III, 1996; FERNANDES, 2000; ARQUIDIOCESE DO RIO DE JANEIRO, 2004) quanto do ensino de xadrez (e.g. RIBEIRO, 2008) no país, elas não são de forma alguma incompatíveis, e pertinentes tanto ao Ensino Fundamental quanto ao

Ensino Médio. Porém, é de se supor que a primeira e mais trabalhosa etapa deste projeto seja a necessária formação de corpo docente adequado – ainda que esteja incluída a possibilidade de atividades compartilhadas entre os professores já experimentados de ambas as áreas. Por outro lado, em função dos valores intrínsecos e universais do xadrez, ele pode ser facilmente compatibilizado com a abordagem de qualquer confissão religiosa, contemplando assim escolas que optam por um ensino religioso confessional ou não. Optou-se aqui pela aproximação explicitamente católica em função das relações naturais e profundas permitidas entre os valores do jogo e os conceitos doutrinários mais fundamentais da Igreja. Contudo, o sumário de temas apresentado a seguir, desenvolvido no item 2. deste trabalho – e que neste caso, sim, pode ser assumido como uma primeira elaboração metodológica para fins didáticos em sala de aula – evidencia a proposta de valores universais e abarcáveis em qualquer linha de orientação religiosa. O que se deseja ressaltar é que estes temas estão ordenados de forma orgânica e natural, cada qual abrindo-se espontaneamente para o seguinte, como exposto no item 3., o que facilita o aspecto pedagógico:

- a. Responsabilidade, liberdade e individualidade;
- b. objetivo bem determinado, fim último;
- c. meios – lícitos – adequados ao fim, e empenho, perseverança, constância, na fidelidade a um plano;
- d. prudência, humildade, partir da realidade de uma situação;
- e. coerência;
- f. honestidade e reta intenção, sob o respeito a regras universais;
- g. reconhecimento do valor relativo do que é meramente material, em função de valores maiores, especialmente do fim último.

## 5. COMENTÁRIOS

A Arte, por cultivar o Belo e o Estético, sensibiliza a alma para o Transcendente (cf. CORÇÃO, 1967). Ora, o jogo de xadrez é conhecido como “jogo, ciência e arte” (BECKER, 1978): simplificadamente, como jogo porque exige habilidade, como ciência por necessitar de cálculo, e como arte pelo uso da imaginação, da criatividade e pelo sentido estético que as posições no tabuleiro podem oferecer ao intelecto e à sensibilidade. Assim, também neste aspecto da qualidade artística, o xadrez é uma ferramenta natural de apoio ao ensino religioso.

Já a relação dos esportes, incluindo muitos jogos, com o aspecto religioso, é também importante (MAGALHÃES, 2013), e o xadrez é internacionalmente reconhecido como esporte (cf. FIDE, 2013), ao contrário de outros jogos de tabuleiro. O motivo é novamente o seu conjunto de características intrínsecas. O jogo de damas, por exemplo, sendo muito próximo em alguns aspectos, não possui o mesmo apelo. Joga-se damas num tabuleiro igual ao do xadrez, mas o número de peças, iguais em características e movimentação, é menor (12 para cada jogador), o que diminui a sua complexidade. O objetivo final é também diferente – a captura – eliminação sumária – de todas as peças do outro competidor. Do ponto de vista da analogia religiosa, por exemplo, embora a ideia de vitória sobre o outro competidor seja utilizável, a sua natureza de “matar o adversário” dificulta a noção de respeito ao próximo, sendo inferior à de “superar (ou subjugar) o oponente”, algo mais realístico e exato na proposta enxadrística. Mesmo considerando o “adversário” como o demônio ou o pecado, numa outra analogia, não se pode verdadeiramente “matá-los” – e justamente a consideração desta realidade é fundamental para que se esteja sempre em alerta contra este mal; de fato, a luta contra tais adversários só terminará com o “final da nossa partida”, ou seja, da nossa partida desta vida, sendo que Cristo mesmo nos adverte para nunca esmorecermos no combate: “Vigiai! Porque não sabeis quando será o momento” (Mc, 13,33).

Por fim, são inúmeras as aproximações do xadrez com a Cultura em geral (cf. ABRAHAMS, 1974), o que definitivamente o qualifica como ferramenta pedagógica multifacetada.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A utilização do xadrez como valioso auxílio didático ao ensino religioso não se limita ao âmbito escolar, embora este aspecto esteja presentemente enfatizado. A curto prazo, por exemplo, a proposta seja talvez mais viável em paróquias ou outras comunidades de atividade catequética, já que a sua adoção nestas jurisdições menores é menos complexa que no vasto universo colegial.

De toda a forma, o essencial é a constatação da adequação do xadrez para o objetivo proposto. As possibilidades que oferece junto ao ensino religioso são literalmente inumeráveis, potencialmente inesgotáveis; e quanto maior a profundidade de conhecimento

do professor em relação ao jogo, mais recursos podem ser desenvolvidos. Porém, o aspecto lúdico e inclusivo do jogo é o que o torna, junto à similaridade dos seus valores intrínsecos com os do âmbito espiritual, caminho natural, e de excelência, como ferramenta pedagógica para o ensino religioso. As vantagens potenciais que tais facilidades apresentam sugerem benefícios em grande escala, ao tornarem muito acessível o diálogo entre crianças e jovens com os valores espirituais; e é do melhor entendimento e valorização da dimensão religiosa por parte dos alunos que se espera o desenvolvimento de futuras gerações capazes de responder com maturidade de fé aos imensos e particularmente graves desafios, especialmente éticos e morais, que tiranizam modernamente a convivência humana. Torna-se assim especialmente valiosa esta inédita proposta para o Ensino Religioso.

Estas considerações ilustram, ainda que preliminarmente, as potencialidades do xadrez e o valor, importância e viabilidade da presente proposta, associando-o à área religiosa. Desta forma, otimiza-se o xadrez como um valioso instrumento da evangelização da cultura, conforme desejado, incentivado e promovido pelo lúcido pensamento dos últimos Papas, em especial a partir de S. João Paulo II – ele mesmo um entusiasta e forte jogador de xadrez, que chegou a desenvolver uma variante de abertura que hoje leva o seu nome.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHAMS, G. **Not Only Chess**. London: George Allen & Unwin, 1974.
- ARQUIDIOCESE DO RIO DE JANEIRO. **Diretório Pastoral do Ensino Religioso**. Rio de Janeiro: Arquidiocese do Rio de Janeiro, 2004.
- BATISTA, G. **Projeto Federal de Xadrez nas Escolas tem Início em Mato Grosso do Sul**. Disponível em: <<http://www.clubedexadrezonline.com.br/artigo.asp?doc=483>>. Acesso em: 9 nov. 2013.
- BECKER, I. **Manual de Xadrez**. São Paulo: Nobel, 1978.
- BENTO XVI. **Luz do Mundo – O Papa, a Igreja e os sinais dos tempos. Uma Conversa com Peter Seewald**. Tradução de Paulo F. Valerio. São Paulo: Paulinas, 2011.
- CALIXTO, R. **Alfabetização e Xadrez**. Disponível em: <<http://www.clubedexadrezonline.com.br/artigo.asp?doc=498>>. Acesso em: 9 nov. 2013.
- CAPABLANCA, J.R. **Lições Elementares de Xadrez**. Tradução de João Amendola. São Paulo: Hemus, 1971.
- \_\_\_\_\_. **Fundamentos del Ajedrez**. 8. ed. Traducción de César Utrilla Carrasco. Madrid: Ricardo Aguilera, 1979.
- CATECISMO da Igreja Católica. Tradução das editoras. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1993.
- CEPEX. **Centro de Estudos e Pesquisas do Xadrez**. Disponível em: <<http://www.cepex.com.br/principal.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2013.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. REGIONAL SUL III. **Texto Referencial para o Ensino Religioso Escolar**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CORÇÃO, G. **Dois Amores Duas Cidades. 1. Na Antiguidade e na Idade Média**. Rio de Janeiro: Agir, 1967.
- DEXTREI, J; ENGEL, N. **Jeu d'Échecs et Sciences Humaines**. Paris: Payot, 1981.
- FERNANDES, M.M.S. **Afinal, o que é o Ensino Religioso? Sua Identidade Própria em Contraste com a Catequese**. São Paulo: Paulus, 2000.
- FERNÁNDEZ-CARVAJAL, F. **Falar com Deus – Vol. 5**. Tradução de Ricardo Pimentel Cintra. São Paulo: Quadrante, 1991.
- FIDE. **World Chess Federation**. Disponível em: <<http://www.fide.com/fide>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

FRANKLIN, B. **The Morals of Chess**. 1779. Disponível em: <<http://fegatello.blogspot.com.br/2009/09/morals-of-chess-by-benjamin-franklin.html>>. Acesso em: 2 nov. 2013.

GINETTI, E. **A crise dos valores éticos segundo Max Scheler**. 2010 134 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia). – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=186240](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=186240)>. Acesso em: 9 fev. 2013.

HOOVER, D.; BRANDRETH, D. **The Unknown Capablanca**. London: B. T. Batsford, 1975.

JULIÃO, T. **Implantação do Xadrez: um Sonho Possível**. Disponível em: <<http://www.clubedexadrezonline.com.br/artigo.asp?doc=495>>. Acesso em: 3 nov. 2013.

LASKER, E. **Lasker's Manual of Chess**. New York: Dover, 1960.

MACHADO, M. **Scheler: a ética material dos valores**. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/016e2.pdf>>. Acesso em: 9 fev. 2013.

MAGALHÃES, A.B. **Esporte e Compromisso Cristão**. Aparecida: Santuário, 2013.

MATHEUS, C. Max Scheler e a gênese axiológica do conhecimento. **Margem**, São Paulo, n. 16, p. 13-27, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/margem/pdf/m16cm.pdf>>. Acesso em: 9 fev. 2013.

NEVES, L.M.S. **O Xadrez Aplicado à Educação Especial**. Disponível em: <<http://www.compuland.com.br/exp/educespc.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

PACHMAN, L. **Ajedrez y Comunismo**. Traducción de Mariano Orta. Barcelona: Martínez Roca, 1974.

PANOV, V. **Cabaplanca**. 2 ed. Traducción de Valerio Smirnoff. Buenos Aires: Sopena Argentina, 1974.

PERES, M. **Agentes Penitenciários são Capacitados para Ressocializar Apenados por meio do Jogo de Xadrez**. Disponível em: <<http://www.clubedexadrezonline.com.br/artigo.asp?doc=13483>>. Acesso em: 9 nov. 2013.

RATZINGER, J. **Homilia - Santa Missa "Pro Eligendo Romano Pontifice"**, 18 abr. 2005. Disponível em: <[http://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice\\_20050418\\_po.html](http://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice_20050418_po.html)>. Acesso em: 3 nov. 2013.

RIBEIRO, M.E.F. **Formas diferenciadas do ensino do xadrez através de atividades lúdicas no âmbito escolar**. 2008. Elaboração do Objeto de Aprendizagem Colaborativa – OAC – Secretaria de Estado de Educação do Paraná. Disponível em:

<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1923-6.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

SAIDY, A.; LESSING, N. **The World of Chess**. London: Ridge Press, 1974.

SCHELER, M. **Ética. Nuevo ensayo de fundamentación de un personalismo ético**. Tradución de Hilario Rodríguez Sanz. Buenos Aires: Revista de Occidente, 1948. 2 v. [Obs.: Trata-se da edição em espanhol de “O formalismo na ética e a ética material dos valores”]. *Apud* VOLKMER, S.A.J. **O perceber do valor na ética material de Max Scheler**. 2006 127 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em:<[http://tede.pucrs.br/tde\\_arquivos/13/TDE-2006-09-28T182217Z-19/Publico/379952.pdf](http://tede.pucrs.br/tde_arquivos/13/TDE-2006-09-28T182217Z-19/Publico/379952.pdf)>. Acesso em: 9 fev. 2013.

SILVA, W. **Curso de Xadrez Básico**. Disponível em: <<http://www.cex.org.br>>. Acesso em: 11 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. **Método para Ensinar Xadrez**. Disponível em: <<http://www.clubedexadrezonline.com.br/artigo.asp?doc=7996>>. Acesso em: 12 nov. 2013.

VOLKMER, S.A.J. **O perceber do valor na ética material de Max Scheler**. 2006 127 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em:<[http://tede.pucrs.br/tde\\_arquivos/13/TDE-2006-09-28T182217Z-19/Publico/379952.pdf](http://tede.pucrs.br/tde_arquivos/13/TDE-2006-09-28T182217Z-19/Publico/379952.pdf)>. Acesso em: 9 fev. 2013.

---

Universidade Católica de Petrópolis  
Centro de Teologia e Humanidades  
Rua Benjamin Constant, 213 – Centro – Petrópolis  
Tel: (24) 2244-4000  
[synesis@ucp.br](mailto:synesis@ucp.br)  
<http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=synesis>



DE BARROS FILHO, José Duarte. Valores do jogo de xadrez para o ensino religioso. **Synesis**, v. 10, n. 2, 2018. ISSN 1984-6754. Disponível em: <http://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/view/1437>

---